

ENTRE OS FIOS DE CABELO BRANCO E AS COLEÇÕES DE PRIMAVERAS: UMA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA

Carolina Pimentel CORREA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
carolpimentelcorrea@gmail.com

Resumo

O envelhecimento demográfico é um processo que vem se manifestando mundialmente, apesar de assumir diferentes níveis em determinados países. Com o intuito de perceber este processo no Brasil e em Portugal, países que possuem uma história em comum, observou-se, neste trabalho, dados estatísticos referentes a ambos e procurou-se compreender as especificidades de cada país no que se refere ao envelhecimento. Foi possível apreender que Portugal se depara com um elevado índice de envelhecimento e um grande encolhimento da base e alargamento do topo de sua pirâmide etária, enquanto o Brasil, também caminha para um envelhecimento populacional, mas ainda não atinge um índice de envelhecimento tão alto quanto o de Portugal e sua pirâmide etária, apesar de ter tido um encolhimento na base, teve um alargamento no centro, referente à população adulta.

Palavras-chave: envelhecimento, idosos, Brasil, Portugal.

Abstract

Populations ageing is a process that has manifested in the world, while assuming different levels in certain countries. In order to understand this process in Brazil and Portugal, which divide a common history, it was observed in this paper, statistical data for both countries. Furthermore, it tried to understand the specificities of each country in relation to aging. It was possible to understand that Portugal is faced with a high rate of aging. In addition, the Portugal's data show a large shrinkage of the base and a extend on the top of their age pyramid. In the other hand, Brazil also has a population aging, but it isn't an aging index as high as the Portugal and its age pyramid, despite have a shrinkage in the base, have too a flare in the center - on the adult population.

Keywords: aging, elderly, Brazil, Portugal.

1. Introdução

O envelhecimento marca a ordem natural da vida de qualquer ser, sendo, dessa forma, intrínseco à sociedade humana. Entretanto, quando se pensa no envelhecimento coletivo, mais especificamente, no envelhecimento demográfico, tal fenômeno representa um importante desafio do século XXI. O aumento da expectativa de vida, em diversos países, foi uma conquista relacionada a avanços da medicina e às

melhorias nas condições gerais de vida da população, todavia, este avanço não veio acompanhado de medidas e/ou políticas públicas adequadas para tamanha transformação demográfica. Diz-se “tamanho” porque esta inclui, não apenas o aumento da expectativa de vida e a baixa mortalidade, mas, também, a baixa fecundidade, o que resulta na inversão da pirâmide etária.

Os países europeus estão diretamente associados aos estudos a este respeito. A Europa, paulatinamente, passa a conhecer uma nova realidade demográfica que preocupa não apenas pesquisadores de diversas áreas, como também, os tomadores de decisão (*policy makers*) e a comunidade em geral. Contudo, a tendência ao envelhecimento populacional não se restringe a este continente, pois os jovens países da América Latina também apresentam forte inclinação a tal processo. Esta, de um modo geral, é a hipótese que norteia o presente ensaio e, conseqüentemente, faz par com o seguinte problema de pesquisa: de que modo o processo de envelhecimento se tem desenvolvido, nas últimas décadas, em Portugal e no Brasil?

Brasil e Portugal formam a base analítica desta pesquisa não apenas por estarem em polos opostos no que se refere aos conceitos de velho e novo continente, mas, também, em função do forte laço histórico que os une, em especial, os mais de 300 anos de colonização. Por conseguinte, levando-se em conta tais particularidades, o objetivo geral do ensaio é perceber quais são as diferenças entre tais países no que diz respeito ao processo de envelhecimento. A fim de atingir tal objetivo e responder o problema de pesquisa que orienta o trabalho deu-se especial atenção aos dados estatísticos, retirados das plataformas online PORDATA – Base de dados Portugal Contemporâneo, INE – Instituto Nacional de Estatística e IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dando-se ênfase para os últimos Censos de cada país. O ensaio divide-se, para além da (1) *Introdução* e das (4) *Considerações finais*, em outros dois tópicos: (2) *uma nova realidade demográfica*, no qual são abordados aspectos gerais a respeito do envelhecimento; (3) *Brasil e Portugal em números*, no qual são observados alguns dados estatísticos referentes ao Brasil e a Portugal.

2. Uma nova realidade demográfica

O processo de envelhecimento demográfico indica um aumento particular da composição etária da população correspondente as pessoas idosas, isto é, quando estas se tornam uma parcela, proporcionalmente, maior da população total. A tendência a tal fenômeno acentua-se a partir do declínio das taxas de natalidade e de fecundidade além do aumento da longevidade. Assim, este alargamento da população idosa está diretamente associado à redução da população mais nova, gerando, inclusive, um desequilíbrio intergeracional.

Nesse sentido, Cabral *et al.* (2013) apresentam a ideia de “paradoxo do envelhecimento”, pois o fenômeno do envelhecimento demográfico traz consigo um fator socialmente assumido como positivo – o aumento da esperança de vida – combinado com a diminuição da fecundidade, que, em contrapartida,

pode gerar consequências complexas para a sociedade. Deste modo, como retrata Fernandes (2001), os idosos de hoje dispõem de maiores probabilidades de sobrevivência, especialmente porque apresentam maior saúde, mais meios económicos, culturais e sociais, maior acesso a infraestruturas de apoio médico e sanitário, além de disporem de um maior capital de informação. Entretanto, concomitante ao benefício de viver mais, acentuam-se alguns riscos naturais da idade, como a vulnerabilidade do estado de saúde; o isolamento social; a tendência à solidão; a dependência física, económica e, muitas vezes, mental; além da possível estigmatização e discriminação (Cabral *et al.*, 2013).

Segundo Rosa (2012), atualmente, os idosos já não estão associados à noção de sabedoria. Contrariamente, o que predomina, hoje, são estereótipos de velhice e o idadismo. Este último “refere-se às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas somente numa característica – a sua idade” (Marques, 2011, p. 18). Deste modo, o idadismo engloba comportamentos de discriminação e preconceito no que concerne às pessoas idosas. Percebe-se, por exemplo, conforme aponta Rosa (2012), a existência de uma visão negativa que associa a velhice à morte e a classifica como a última fase da vida humana, na qual os homens desistem dos projetos de futuro. Nas palavras desta autora:

[o] desalento, a frustração e a infelicidade são sentimentos que frequentemente caracterizam esta fase, surgindo muitas vezes associados à impressão de uma perda de protagonismo e de importância relativa face a um passado mais “glorioso”, de exercício, por exemplo, de uma carreira bem-sucedida (Rosa, 2012, p.21).

À vista disso, tal transição demográfica¹ representa um motivo de preocupação política e social (Fernandes & Botelho, 2007). Em relatório publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a respeito do envelhecimento no século XXI, destaca-se a importância de não padronizar os idosos como pertencentes a uma única categoria, mas reconhecer que tal população apresenta características diversas como qualquer outro grupo etário, seja em relação à idade, sexo, etnia, educação, renda, saúde. Isto é, “cada grupo de idosos [...] tem necessidades e interesses específicos que precisam ser tratados especificamente, por meio de programas e modelos de intervenção adequados a cada segmento” (UNFPA, 2012).

Perceber esta nova realidade demográfica e pensar na inclusão social dos idosos tornou-se um desafio imediato e global, pois segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), o envelhecimento da população é um processo que já está ocorrendo em todas as regiões do mundo, em países com vários níveis de desenvolvimento. O relatório aponta que:

¹Lebrão (2007) diferencia a *transição demográfica* da *transição epidemiológica*. Segundo esta autora, a teoria da transição epidemiológica refere-se à complexa mudança dos padrões de saúde e doença e às interações entre esses padrões, seus determinantes e consequências. Tais mudanças dizem respeito à diminuição da mortalidade por doenças infecciosas e ao aumento das doenças não-transmissíveis.

[no] mundo todo, a cada segundo, 2 pessoas celebram seu sexagésimo aniversário – em um total anual de quase 58 milhões de aniversários de 60 anos. Uma em cada 9 pessoas no mundo tem 60 anos de idade ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050: o envelhecimento da população é um fenômeno que já não pode mais ser ignorado (UNFPA, 2012).

Neste sentido, mais do que perceber a dimensão deste processo é preciso compreender suas especificidades em diferentes locais e as diversas variáveis ali envolvidas. Portanto, o tópico seguinte terá como base, e recorte analítico, os dados estatísticos referentes ao Brasil e a Portugal no que diz respeito ao envelhecimento da população.

3. Brasil e Portugal em números

Antes de discorrer a respeito dos dois países que formam o fio condutor deste trabalho é importante destacar as categorias etárias usualmente referidas nos grupos de idade: jovem, ativa/adulta e idosa. Tais categorias de análise estatística representam as principais fases do ciclo da vida: “até os 15 anos, antes da entrada na idade em que é possível ser-se ativo, os jovens; entre os 15 anos e os 64 anos, a idade ativa; com 65 anos ou mais, ou seja, a partir da idade ‘normal’ de reforma, os idosos” (Rosa, 2012, p.23).

Conforme apontado anteriormente, o envelhecimento demográfico já adquiriu dimensão mundial, apesar de assumir diferentes intensidades em cada região. Rosa (2012) destaca que no grupo dos países mais envelhecidos, estão as regiões mais desenvolvidas, principalmente as da Europa. Sendo que em Portugal este processo apresentou um ritmo marcadamente acelerado, condicionado pela rápida queda nos níveis de mortalidade e de fecundidade. Assim sendo, atualmente, Portugal representa não apenas um dos países mais envelhecidos do espaço europeu, como também, do mundo (Rosa & Chitas, 2013; Rosa, 2012).

Foi, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX que as sociedades europeias, em especial, começaram a confrontar-se com o processo de envelhecimento e, conseqüentemente, com a inversão da pirâmide etária. Em Portugal, entre a década de 1980 e a atualidade, levando-se em conta o último Censo, realizado em 2011, o número de jovens passou de 25,51% para 14,89%, enquanto o número de idosos aumentou de 11,45% para 19,03%, como se pode observar no gráfico 1.

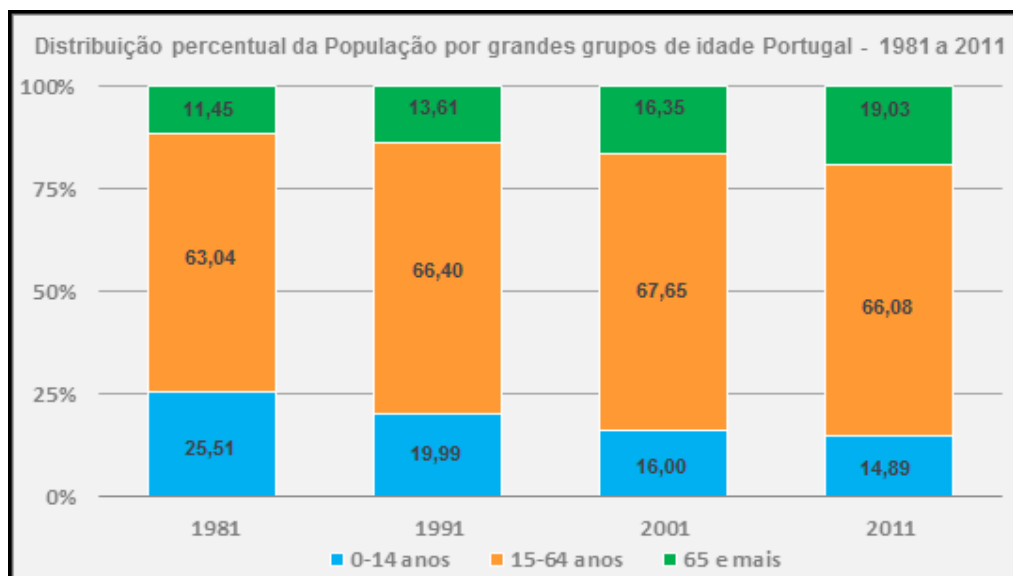


Gráfico 1. Distribuição percentual da população por grupos de idade Portugal – 1981 a 2011.

Fontes: Gráfico elaborado pela autora a partir de dados disponíveis no INE, PORDATA - População residente segundo os Censos de 1981, 1991, 2001 e 2011 (total e por grandes grupos etários – Portugal).

O Brasil, por sua vez, entre os anos 1940 e 1960, apresentou um significativo declínio da mortalidade, ao mesmo tempo em que manteve a fecundidade em níveis bastante altos, o que gerou uma população jovem bastante estável e com rápido crescimento. Todavia, ao final da década de 1960, conforme destacam Closs & Schwanke (2012), os níveis de fecundidade passaram a apresentar trajetória descendente, inicialmente nos grupos populacionais mais privilegiados e nos polos mais desenvolvidos, estendendo-se rapidamente às demais regiões.

A partir daí, o Brasil passou a ter uma diminuição na sua população jovem e, conseqüentemente, um aumento da população adulta e idosa. Neste sentido, Lebrão (2007) destaca que, no Brasil, as pessoas que estão alcançando os 60 anos de idade no século XXI são aquelas que vivenciaram os benefícios da tecnologia em saúde introduzida durante o período pós 2ª Guerra Mundial. Segundo esta autora, o crescimento da população idosa na América Latina está mais associado às descobertas relativas às questões médicas e de saúde pública do que às melhorias nos padrões gerais de vida da população.

Assim, apesar de ainda menos intensa do que em Portugal, a transição demográfica já pode ser percebida também no Brasil. Conforme se pode observar no gráfico a seguir, de 1980 até 2010, segundo os Censos, o número de jovens de 0 a 14 anos passou de 38,20% para 24,08%, enquanto a população

idosa, com mais de 65 anos, passou de 4,01% para 7,38%. Dessa forma, a diminuição da população jovem foi de 14,12%.

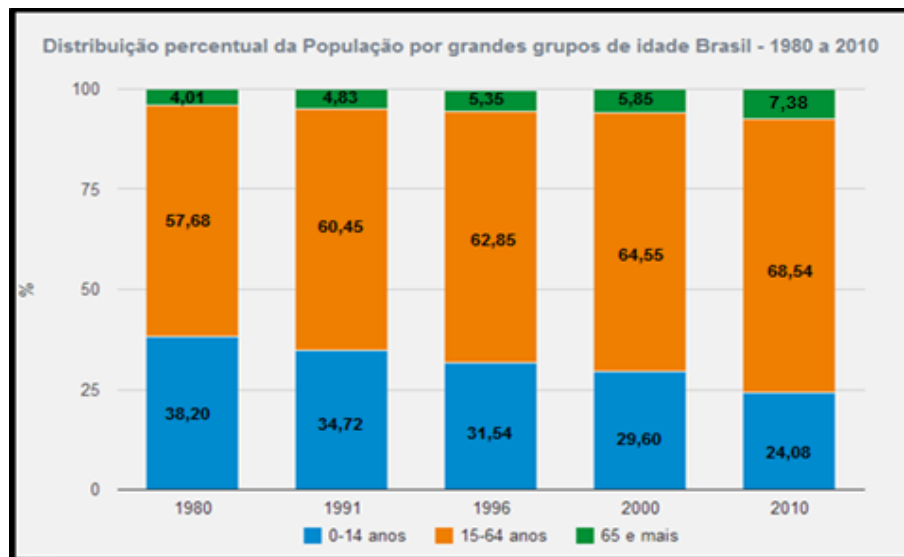


Gráfico 2. Distribuição percentual da população por grandes grupos de idade Brasil – 1980 a 2010.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1980, 1991, 2000 e 2010 e contagem da População de 1996.

A partir destes valores correspondentes a distribuição percentual da população por grandes grupos de idade é possível perceber que no Brasil, o processo de envelhecimento é mais recente do que em Portugal. No Brasil, o aumento da população concentra-se, em especial, no grupo de adultos (15-64 anos), o qual de 1980 a 2010, aumentou 10,87% enquanto em Portugal este grupo, de 1981 a 2011, aumentou apenas 3,04%. Do mesmo modo, quando o grupo de idosos (65 e mais), em Portugal teve um aumento de 7,58%, no Brasil este aumento foi de 3,37%.

Por conseguinte, percebe-se, a partir dos gráficos, que ambos os países estão passando por um processo de envelhecimento demográfico, entretanto, no Brasil esta transformação ainda se concentra mais na diminuição dos jovens do que no aumento da população idosa. Pode-se observar isto a partir das pirâmides etárias destes dois países em dez anos (2000 e 2010).

As pirâmides etárias ilustram com maior facilidade os efeitos da transformação demográfica. Em Portugal, observa-se uma grande diminuição da base da pirâmide, o que representa a diminuição da população jovem, e um amplo alargamento do topo da pirâmide, isto é, um aumento da população idosa. No Brasil, apesar de também haver uma diminuição da base da pirâmide, conforme já ressaltado, o aumento mais significativo dá-se na área central da pirâmide, correspondente a população ativa/adulta.

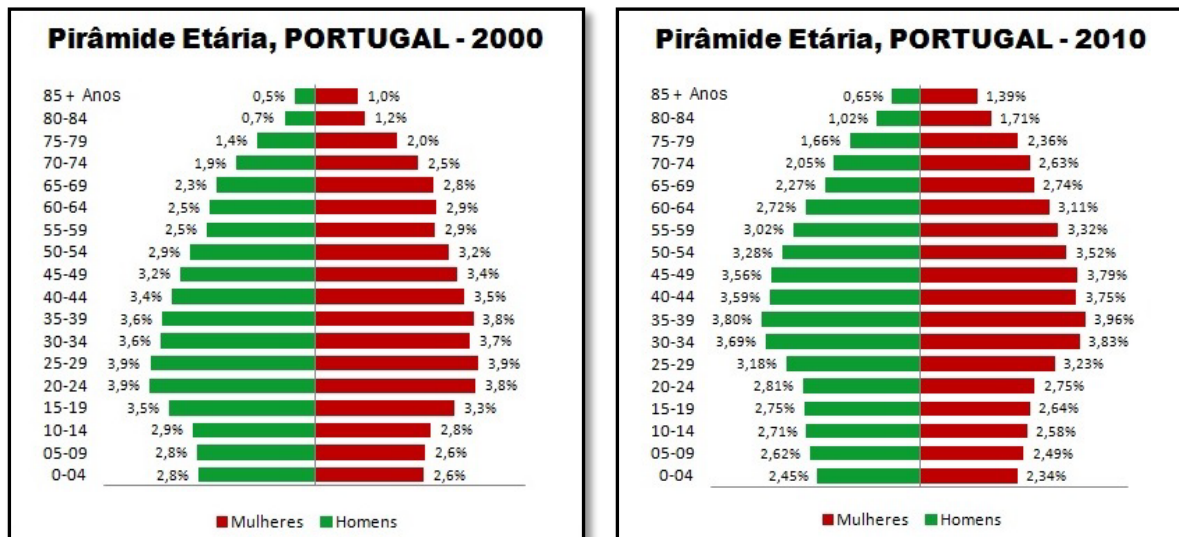


Gráfico 3- Pirâmides Etárias, Portugal (2000, 2010)

Fonte: Gráficos elaborados pela autora, a partir de dados disponíveis no INE, PORDATA – Estimativas Anuais da População residente em Portugal.

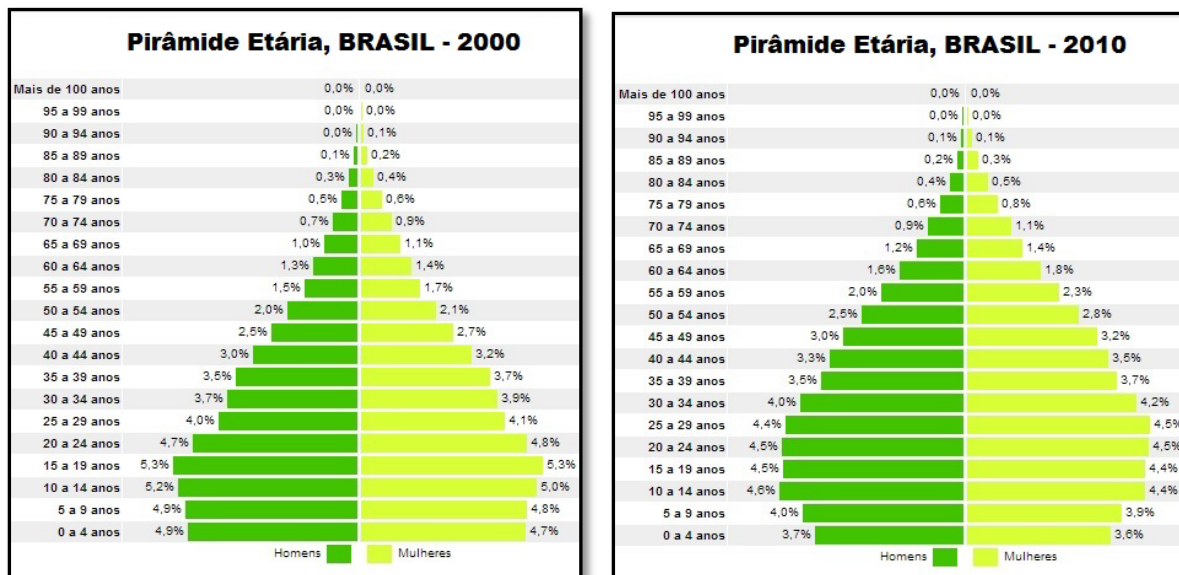


GRÁFICO 4 - Pirâmides Etárias, Brasil (2000, 2010)

Fonte: IBGE – Censo demográfico de 2010

Após perceber estas importantes transformações e tendo como base a divisão da população a partir de grandes grupos etários, é possível calcular o chamado Índice de envelhecimento. O Índice de envelhecimento é definido pelo número de pessoas com 65 anos ou mais para cada 100 jovens dos 0

aos 14 anos, tratando-se da população residente em determinado espaço geográfico, num ano específico. Desse modo, a fórmula para calcular tal índice segue exatamente esta descrição:

$$\text{Índice de Envelhecimento} = \frac{P_{(65+)}}{P_{(0 \text{ a } 14)}} \times 100$$

Este índice faz-se extremamente importante no contexto deste ensaio por conseguir avaliar o processo de ampliação da população idosa em relação à variação no grupo etário jovem. Para Closs & Schwanke (2012, p. 445), o Índice de envelhecimento², dentre as várias alternativas para a observação do envelhecimento de uma determinada população, apresenta grandes vantagens por ser “analiticamente simples, apresentar alta sensibilidade às variações na distribuição etária, contabilizar os dois grupos etários que definem o processo de envelhecimento populacional e ser de fácil interpretação”. Desse modo, vale observar o Índice de envelhecimento de Portugal (de 1981 a 2060) e do Brasil (de 1980 a 2060).

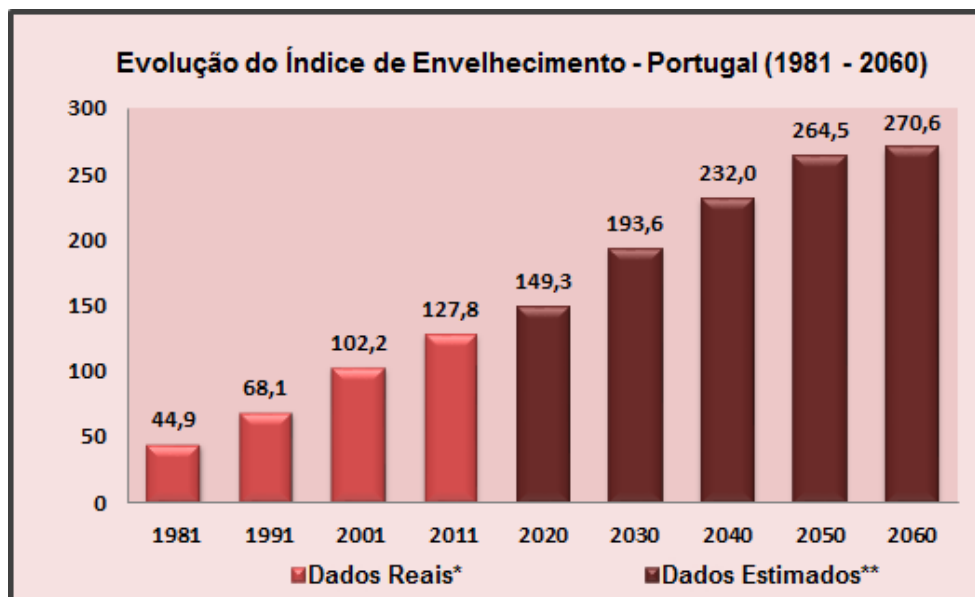


Gráfico 5- Evolução do índice de envelhecimento, Portugal (1981, 2060)

Fonte: PORDATA: *Indicadores de envelhecimento segundo os Censos de 1981, 1991, 2001, 2011.

**Quadros da publicação: Projeções de População Residente em Portugal, 2008 – 2060.

²O Índice de envelhecimento pode variar entre as diferentes regiões de um determinado país, entretanto, no caso deste trabalho procurou-se trabalhar com as populações totais dos países. Cabe ressaltar que o índice de envelhecimento também possui limitações, relacionadas as possíveis imprecisões da base de dados utilizada para o cálculo do indicador, as falhas nas declarações de idade para os levantamentos estatísticos ou à metodologia empregada para elaborar estimativas e projeções populacionais (Closs & Schwanke, 2012).

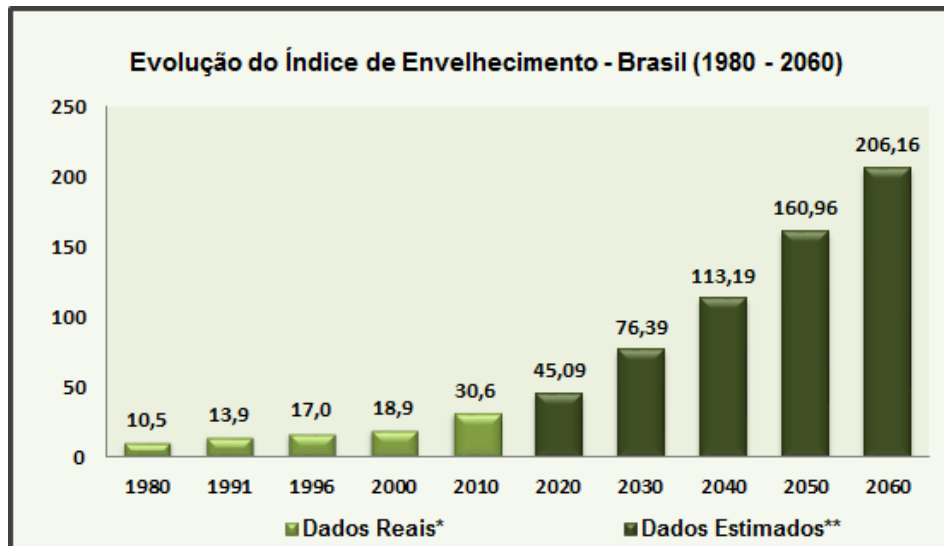


Gráfico 6- Evolução do índice de envelhecimento, Brasil (1980, 2060)
Fonte: Gráfico elaborado pela autora, a partir de dados do IBGE: * Censos de 1980, 1991, 2000 e contagem da População de 1996; ** Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060.

Segundo estes gráficos, é possível perceber que desde o início do século XXI, Portugal já apresentava um significativo Índice de envelhecimento da população. Especificamente em 2001, para cada 100 jovens, de 0 a 14 anos, já havia 102,2 idosos, com 65 anos ou mais. No Brasil, por sua vez, estima-se que apenas em meados de 2030 poderá haver mais idosos do que jovens, pois, segundo os dados disponíveis, é apenas em 2040 que se prevê 113,19 idosos para cada 100 jovens. As projeções, ou dados estimados, os quais aparecem destacados em cores diferentes, em ambos os gráficos, apontam que em Portugal, no ano de 2060, existe a possibilidade de para cada 100 jovens existir 270,06 idosos, enquanto no Brasil, para este mesmo ano, poderá existir 206,16 idosos.

Dentre as variáveis influentes nesta transição demográfica encontra-se a diminuição da taxa de fecundidade³, decorrente, principalmente, da difusão do uso dos anticoncepcionais em conjunto com o maior acesso à informação e educação sexual; da emancipação da mulher, que as leva, muitas vezes, a retardar o projeto de maternidade e acaba por elevar a idade média para ter o primeiro filho. Conforme explica Rosa (2012), em Portugal, a idade média das mulheres no que se refere o nascimento do primeiro filho aumentou mais de cinco anos nas últimas duas décadas e meia, e hoje, situa-se próxima dos 29 anos. Segundo o IBGE, a idade média para as mulheres tornarem-se mães pela primeira vez está em torno dos 26,9 anos em 2013 e deve chegar a 28 anos em 2020 e 29,3 anos, apenas, em 2030. Assim, a fecundidade tardia e a retração do número de filhos estão entre as principais causas para o

³Taxa de fecundidade é uma estimativa do número médio de filhos por mulher em seu período reprodutivo (normalmente estipulado como dos 15 aos 49 anos).

encolhimento do grupo etário mais jovem da população. A seguir, os gráficos apresentam as taxas de fecundidade total de Portugal (1960 - 2010) e do Brasil (1940 - 2010):

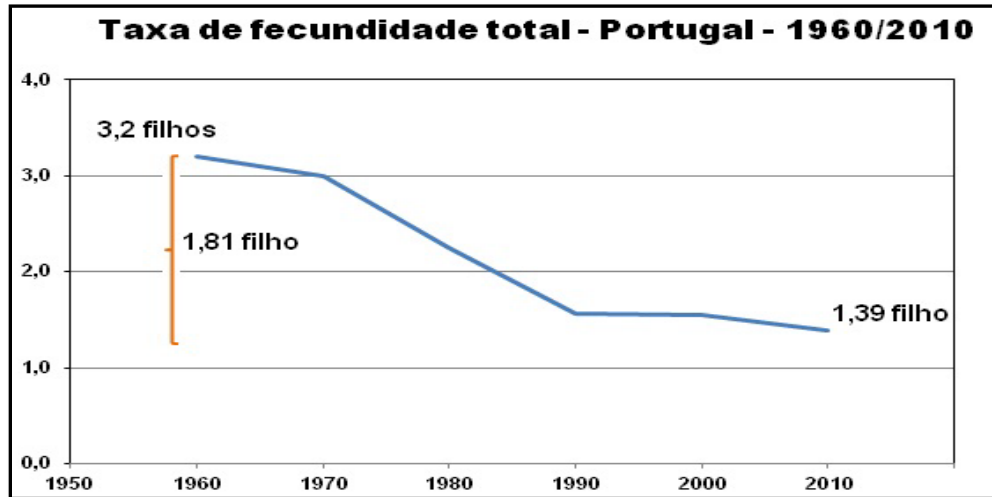


Gráfico 7- Taxa de fecundidade total, Portugal (1960, 2010)

Fontes: Gráfico elaborado pela autora a partir de dados do INE, PORDATA – Indicadores de fecundidade: Índice sintético de fecundidade e taxa bruta de reprodução – Portugal (Número médio de filhos por mulher).

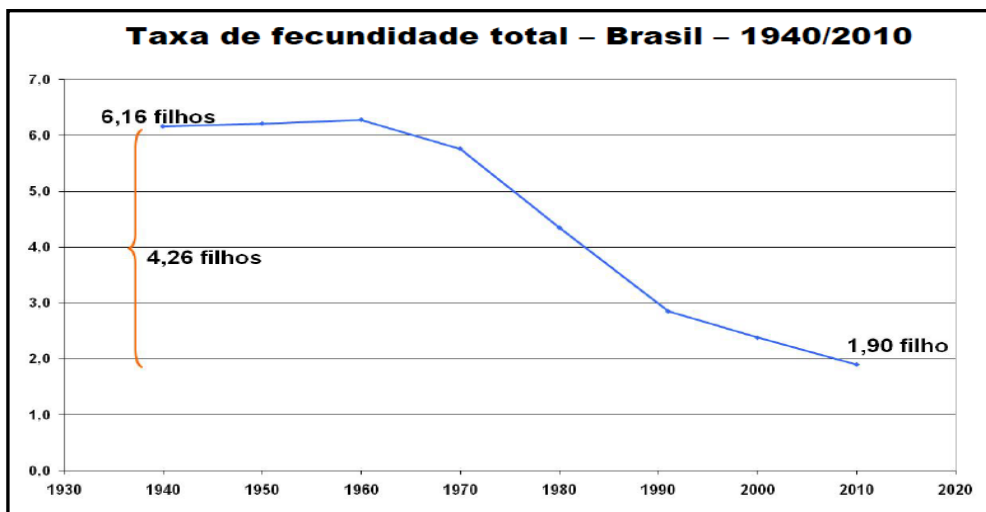


Gráfico 8- Taxa de fecundidade total, Brasil (1940, 2010)

Fonte: IBGE - Censo demográfico 2010 – resultados gerais da amostra.

Considerando estes números, percebe-se que a taxa de fecundidade, na década de 1960, em Portugal, estava em torno dos 3 filhos e em 2010 baixou para 1,39 filho. No Brasil, em 1960, a taxa de

fecundidade ainda rondava o número de 6 filhos por mulher, sendo que, agora, em 2010, a média é de 1,90 filho, representando grande diminuição na taxa de fecundidade. Tais dados são preocupantes em ambos os países, pois o valor de reposição da população é de 2,1 filhos por mulher (Lebrão, 2007), algo que nenhum dos países tem atingido nos últimos anos.

Junto com esta diminuição da taxa de fecundidade, o aumento da expectativa de vida também é uma das importantes variáveis que influenciam no processo de envelhecimento. Segundo dados disponíveis no PORDATA, em Portugal, no ano de 1980, a esperança média de vida total da população era de 71,1 anos de idade (sendo a idade média masculina de 67,8 anos e a feminina de 74,8 anos), enquanto em 2011, a esperança média de vida total passa para 79,8 anos de idade (sendo a idade média masculina de 76,7 anos e a feminina de 82,6 anos). No Brasil, segundo o IBGE, a esperança de vida total da população ao nascer aumentou 26,6 anos de 1960 a 2012, ao passar de uma média de 48 anos para 74,6 anos.

Com o aumento da expectativa da vida, a idade para a reforma vem aumentando sucessivamente. Em Portugal, segundo informações divulgadas pela Segurança Social, a chamada “Pensão de velhice” é dirigida às pessoas com 66 ou mais anos de idade e que tenham pago contribuições para a Segurança Social durante pelo menos 15 anos. No Brasil, por sua vez, segundo informações disponíveis no site do *Instituto Nacional de Segurança Social (INSS)*, a *aposentadoria por idade para o trabalhador rural é a partir dos 60 anos de idade, para homem, e 55 anos de idade, para mulher, para os demais trabalhadores é de 65 anos de idade, para homem, e de 60 anos de idade, para mulher, levando em conta que em todas estas situações o assegurado deverá ter pelo menos 15 anos de contribuição para o INSS. Entretanto, tanto em Portugal, quanto no Brasil, as leis em torno da reforma vêm sendo debatidas e ameaçadas ano a ano a serem modificadas.*

Assim, é importante perceber que este alargamento da expectativa de vida vem trazendo uma nova configuração não apenas para os valores populacionais, mas, também: para as relações familiares, aumentando a probabilidade de uma criança conhecer seus avós, bisavós e até trisavós; para as relações sociais e de trabalho, nas quais se enquadra o aumento da idade para a aposentadoria e a necessidade de criação de postos de trabalho que possam ser preenchidos por pessoas idosas; para a saúde, em função da necessidade de atender uma grande parte da população que já ultrapassa os 65 anos e merece manter uma vida saudável e ativa.

Outra variável a ser considerada no processo de envelhecimento é a emigração. Normalmente, a emigração acontece na idade jovem e/ou ativa/adulta, o que influencia na diminuição da base e centro da pirâmide etária de determinada região. A partir dos dados do PORDATA, é possível observar que, em Portugal, em 1992, havia 39.322 indivíduos emigrantes, enquanto que em 2012 este número passa para 121.418 indivíduos. Já no Brasil, os dados relativos à emigração datam apenas do último Censo, realizado em 2010, quando o IBGE, pela primeira vez, perguntou aos recenseados se alguém na família

estava residindo fora do país. Segundo tais dados, foi possível perceber que 491.645 indivíduos brasileiros são emigrantes, sendo a Europa o continente de destino que abriga o maior percentual de brasileiros, 51,44% dos emigrantes.

4. Considerações finais

A partir do que foi exposto acima, percebe-se que o processo de envelhecimento já é uma realidade bastante considerável tanto no Brasil quanto em Portugal. Apesar de o Brasil ainda não ter alcançado um índice de envelhecimento tão significativo quanto Portugal, Closs & Schwanke (2012, p.450) destacam que o Brasil está entre os 35 países mais populosos do mundo e o quarto com mais intenso processo de envelhecimento, ficando atrás, apenas, da República da Coreia, Tailândia e Japão.

Quando se fala em processo de envelhecimento é preciso, conforme visto acima, considerar diversas variáveis como as taxas de fecundidade, percentuais da população a partir de grupos de idade, Índice de envelhecimento, migração, expectativa de vida. Entretanto, outras variáveis, não menos importantes, também devem ser levadas em conta: políticas públicas, questões culturais, sociais e comportamentais. Isto é, além de observar as variáveis estatísticas é preciso perceber o processo de envelhecimento a partir de diferentes esferas e refletir a respeito da noção de que a idade em si é uma construção social para a qual todos os seres humanos contribuem, conforme afirma Walker (2002, p. 759):

This is not to deny the biological reality of ageing (which is itself a continuous process and is changing from age cohort to age cohort) but that tells us very little indeed about the societal consequences or the policy implications of population ageing. Here sociology is more helpful than biology: age is a social construction and social policy plays a crucial role in that process—for example by defining the age at which people are excluded from employment or enter pension systems and, therefore, become ‘old’ in social and economic terms.

Um importante ponto a ser realçado neste contexto é a ideia de que, se hoje se vive durante mais tempo, é preciso que se invista ao longo da vida a fim de minimizar os impactos negativos da longevidade. Assim, o aumento da expectativa de vida, precisa ser acompanhado por diferentes políticas públicas voltadas para este grande grupo etário da população, representado por aqueles com mais de 65 anos. Fernandes (2001) afirma que a definição de tais políticas precisa partir de uma formulação mais rigorosa e objetiva dos problemas do envelhecimento e da análise exaustiva da diversidade de realidades sociais, algo que poderá proporcionar importantes avanços no sentido de futuras gerações poderem viver melhor do que as que as antecederam.

Entende-se, assim, a importância em reconhecer esta nova realidade demográfica e seus impactos. Portanto, faz-se necessário, uma preparação adequada para que se possa enfrentar os

desafios associados a esta transição demográfica. Zaidi (2008, p.9), por exemplo, destaca cinco áreas de políticas públicas que devem ser levadas em conta ao preparar a sociedade para este fenómeno do envelhecimento: “1. *Pension policy*; 2. *Health and long-term care policy*; 3. *Employment policy*; 4. *Migration and integration policy*; 5. *Infrastructure development*”.

O planeamento adequado, com políticas capazes de acompanhar este processo e que sejam compatíveis com a realidade dos diferentes países é uma medida governamental necessária e prioritária. Medidas específicas de saúde pública e que visem manter a autonomia e o envelhecimento ativo, por exemplo, podem ser um considerável ponto de partida. Nesse sentido, Fernandes e Botelho (2007) destacam alguns desafios decorrentes do envelhecimento demográfico que a UE, por exemplo, vem enfrentando: proporcionar segurança econômica na velhice; manter a solidariedade intergeracional; combater a exclusão social e a discriminação ligadas a questão da idade; providenciar cuidados de longa duração no que se refere a mudanças no padrão familiar ou de residência e proporcionar a cidadania plena independente da idade.

Além disso, os idosos possuem o direito, como qualquer outro grupo etário, de representação e de participação social e política. Conforme ressaltam Cabral *et al.* (2013, p.12), “reposicionar o idoso no conjunto do sistema de relações intergeracionais constitui um imperativo democrático e um desafio político que as sociedades envelhecidas enfrentam”. É neste sentido que se destaca a ideia de envelhecimento ativo. Lebrão (2007) explica que este termo está ligado a uma mudança de paradigma, deixando-se de associar os idosos a doenças e a dependência e passando a enxergá-los numa situação de ativos e independentes. Proporcionar o envelhecimento ativo “é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão a envelhecer, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados” (Fernandes & Botelho, 2007, p.16).

Tratar de envelhecimento ativo remete à questão da reforma, igualmente parte deste contexto. Aumentar a idade de reforma, mas não proporcionar um incentivo a abertura de postos de empregos para as pessoas que estejam na faixa etária, por exemplo, dos 60 anos é deixar este grupo de idade desassistido (Zaidi, 2008). A natural insegurança dos jovens em relação ao mercado de trabalho, também se faz presente nesta etapa de vida dos idosos que teoricamente “ultrapassam a idade produtiva”. Fernandes (2001) destaca que a reforma também representa uma forma de exclusão social, pois o idoso perde o estatuto social atribuído a partir do trabalho profissional e passa a ser visto como o “reformado”.

Dessa forma, são muitas as questões que permeiam o processo de envelhecimento, seja em Portugal ou no Brasil. Mais do que um processo natural, o envelhecimento da população precisa ser apreendido como um processo social e acompanhado com devidas políticas governamentais. O envelhecimento demográfico é, na verdade, uma nova realidade que pode trazer implicações sociais, econômicas e, inclusive, políticas, tanto no sentido coletivo como no individual caso não seja compreendido com devida atenção por parte de todos.

5. Bibliografia

CABRAL, M. V., coord. [et al.] (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do Tempo, Redes Sociais e Condições de Vida*. Lisboa: Guidesing.

CLOSS, V. E. & SCHWANKE, C.H. A. (2012). A evolução do índice de envelhecimento no Brasil, nas suas regiões e unidades federativas no período de 1970 a 2010. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 15(3), 443-458.

FERNANDES, A. A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*. [Online], 36, 39-52. Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000200003&lng=pt&nrm=iso. [Acedido em 25 de fevereiro de 2014].

FERNANDES, A. A. & Botelho, M. A. (2007). Envelhecer activo, envelhecer saudável: o grande desafio. *Fórum sociológico*. [Online], 2(17), 11-16. Disponível em: <http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.1.pdf>. [Acedido em 10 de janeiro de 2014].

INE, Estatísticas Demográficas, Instituto Nacional de Estatística, Departamento de Estatísticas Censitárias e da População, Lisboa.

IBGE – Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000/2060, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasil.

IBGE, Censo Demográfico (2010). Resultados gerais da amostra, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>. [Acedido em 29 de janeiro de 2014].

LEBRÃO, M. L. (2007). O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. *Saúde Coletiva*, 4 (17), 135-140.

MARQUES, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Relógio D'Água.

ROSA, M. J. V. (2012). *O envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água.

ROSA, M. J. V. & CHITAS, P. (2013). *Portugal e a Europa: os números*. Lisboa: Relógio D'Água.

UNFPA (2012). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio - Resumo Executivo*. Fundo de População das Nações Unidas.

ZAIDI, A. (2008). Features and Challenges of Population Ageing: The European Perspective. The European Centre for Social Welfare Policy and Research, *Policy Brief March* (1).

WALKER, A. (2002). Ageing in Europe: policies in harmony or discord? *International Journal of Epidemiology*. [Online], 31, 758-761. Disponível em: <http://ije.oxfordjournals.org/content/31/4/758.full>. [Acedido em 23 de janeiro de 2014].